

PASCHOAL LEMME: O EDUCADOR E SUAS IDÉIAS

Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero
PROEDES/FE/UFRJ/UCP

1. Introdução

No ano em que se comemora o centenário de nascimento de Paschoal Lemme, este trabalho se propõe a refletir sobre esse educador, dando destaque a escritos referentes a sua trajetória pessoal e profissional, pensamento e idéias. Com este estudo, pretendemos oferecer subsídios sobre seu itinerário, tendo presente suas origens, formação, trajetória profissional e projetos diante de situações concretas por ele vivenciadas.

Para fazer essa caminhada, apoiamos-nos em Santos, quando observa que “assim como a ideologia, a memória é um fenômeno sempre atual, onde o passado, mais do que reconstituído é reconstruído, num plano afetivo mágico, onde os valores ilusórios e míticos de um tempo morto poderia renascer de uma forma coerente e verossímil através de um escritor” (1986, p. 12). Nessa perspectiva, entendemos que os escritos de Paschoal Lemme, a exemplo de outros educadores, são uma contribuição para se repensar a História da Educação Brasileira e como o estudo dessas fontes documentais textuais poderá constituir-se em uma rica vertente de trabalho.

Observamos ainda, que o exame e análise dos escritos desse educador nos possibilitaram entender e apreender melhor não apenas seus dias, o significado de sua trajetória pessoal e profissional, mas a vivência de uma geração com a qual ajudou a construir a educação no país, a partir dos anos de 1920, com instrumentos e sentimentos que o presente vivido lhe permitiu perceber. Numa perspectiva aberta para o tempo, Paschoal Lemme nos possibilita refazer sua trajetória, suas experiências, revisitando problemas e questões presentes na educação brasileira até os dias atuais (Favero e Britto, 2003). Assim sendo, mediante fontes primárias e secundárias preservadas por ele, encontramos dados e subsídios que poderão contribuir para uma releitura do movimento de renovação educacional no Brasil, a partir dos anos de 1920 e 30, trazendo à cena outros personagens que vivenciaram o período.

Com tais preocupações e entendendo que a memória deve ser analisada não apenas como fonte de pesquisa, mas também como objeto de estudos, no ano em que se comemora o centenário de Paschoal Lemme, consideramos importante no *III Congresso Brasileiro de História da Educação* fazer esta comunicação, situando o educador e suas idéias.

2. PASCHOAL LEMME: sua trajetória pessoal e profissional

Para falar sobre a trajetória desse educador, consideramos pertinente iniciarmos situando suas origens. Oriundo de uma família de classe média, era filho de imigrantes naturalizados, sendo seu pai Antonio Lemme, italiano da Calábria, cirurgião-dentista formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro e sua mãe Maria do Nascimento Lemme, portuguesa, cujo sonho era ter sido professora, mas não pôde realizá-lo (Lemme, 1988, v. 1, p. 95).

Paschoal nasceu no Méier, na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 1904, falecendo na mesma cidade, em 14 de janeiro de 1997. É nessa família de classe média, que sua percepção em relação aos problemas sociais foi gradativamente sendo amadurecida, ao longo dos anos, como podemos perceber analisando seus escritos — anotações, livros, correspondência. De forma explícita isso fica claro no primeiro volume, de suas *Memórias* quando registra:

É de se notar que meu pai, italiano de nascimento, já se achava perfeitamente integrado e identificado com sua pátria adotiva; tornado brasileiro pela grande naturalização decretada em 15 de novembro de 1889 pela República nascente, ele nos incumbia, como talvez poucos pais brasileiros, o interesse pelos acontecimentos nacionais (idem, p. 38).

E acrescenta: por sua educação européia e por ser um homem progressista havia de sua parte uma preocupação com a “valorização da coisa pública, dos fatos políticos e sociais” (ibidem). Nesse mesmo volume registra, que foi sua mãe quem o “iniciou nos segredos da leitura e da escrita” e que sua vocação para o ensino era evidente, tendo feito “estudos preliminares para seguir a carreira do magistério” (idem, p. 95).

Aos sete anos (1911) é matriculado numa Escola Pública situada no alto do Morro do Vintém. Mais tarde, passa a estudar na Escola Visconde de Cairu, aonde veio a conhecer o diretor e professor Teófilo Moreira da Costa que, segundo ele, tem influência decisiva em sua formação. Nessa época, seu pai tinha como preocupação encaminhar os filhos para sua profissão, na qual vinha obtendo sucesso, podendo oferecer-lhes campo para o trabalho e tornando-os herdeiros naturais de sua clientela (idem, p. 127). Paschoal

resiste e dá seu “grito de independência”, declarando: “se não for professor, não serei mais nada” (idem, p. 128). Face a seu interesse pelo magistério e graças ao apoio do professor Teófilo, aos 14 anos, ingressa na Escola Normal do Distrito Federal. Antes de concluir o Curso Normal em 1923 começa a estudar para fazer os exames preparatórios do Colégio Pedro II, com vistas ao vestibular da Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro. Paschoal Lemme ingressa no Curso de Engenharia Civil, freqüentando até o 3º ano, quando desiste da carreira. Em 1924, é nomeado professor-adjunto de 3ª classe na rede pública do Distrito Federal, pelo então diretor de Instrução Pública, Antônio Carneiro Leão, passando a trabalhar na primeira escola mista, do 1º Distrito Escolar. Era uma escola rural, situada na agreste praia de Guaratiba. Comentando essa experiência, anos depois, observa: que sua “vida entrou assim numa nova fase”, mudou completamente (idem, p. 175). Para chegar à escola ele precisava tomar o trem e um precário bondinho. Mas, foi nesses longos trajetos que reencontrou sua colega de Escola Normal, Carolina de Barros e Vasconcelos, com a qual se casou, em 1927 e teve seis filhos.

Em 1926, Paschoal ingressa na Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924, que passou a congregar eminentes educadores e cientistas brasileiros àquela época. Rememorando o ano de 1927, observa que nessa época parecia que os caminhos principais de sua vida estavam traçados, observando que aos 23 anos se via percorrendo três linhas bem definidas de vida: trabalho, estudos e família (Lemme, 1988, v. 2, p. 13). Mas, essa certeza acaba em junho de 1928, quando é convidado para integrar a equipe de Fernando de Azevedo na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal.

Mal refeito da surpresa, aguarda o momento de ser recebido pelo professor Jônatas Serrano, que o atendeu, convidando-o para ser seu assistente. Paschoal explicou que “receava não estar à altura da função” e que não pensava “abandonar o ensino para onde se encaminhara por vocação”. O Subdiretor respondeu que se encontrava na mesma situação, mas fora convencido pela insistência de Fernando de Azevedo, pois compreendeu o alcance da obra em que o Diretor e reformador estava empenhado (idem., p. 31).

Com sua nomeação para ser assistente de Jônatas Serrano, começou para Paschoal mais uma nova e importante etapa de sua vida profissional: trabalhar na administração pública da educação, colaborando de 1928 a 1930, na Reforma da Instrução Pública do Distrito Federal. Entre os interesses de Jônatas Serrano incluía-se a cinematografia, responsabilizando Paschoal de organizar a primeira filmoteca escolar e a

primeira cinematografia educativa do país. Nesse período aproxima-se de educadores que passam a fazer parte de seu círculo de amizade, como Francisco Venâncio Filho e Edgar Sussekind de Mendonça. Começa a se familiarizar com princípios e idéias de John Dewey, Montessori, Wallon etc. Em 1930, é designado por Fernando de Azevedo, Vice-Diretor da Escola Amaro Cavalcanti, passando a ser responsável pela organização dos cursos, além de professor (Britto, 2002).

De 1931 a 1935, integrou a equipe de Anísio Teixeira, nomeado pelo prefeito Pedro Ernesto, para a Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal. A respeito da gestão de Anísio à frente dessa Diretoria observa: sem qualquer exagero, pode-se afirmar que, em 15 de outubro de 1931, iniciou-se no Rio de Janeiro, “a mais criativa, corajosa e também controvertida administração de ensino como jamais se verificara no país” (Lemme, 1988, v. 2, p. 121) E complementa: não somente pelas qualidades pessoais, de formação cultural e técnica do novo diretor, mas também pelo conturbado momento da história do país (ibidem). Segundo ele, a administração de Anísio nesse período foi a tentativa mais expressiva de levar à prática os princípios defendidos no *Manifesto dos Pioneiros de 1932*.

Em 1934, é lançado o *Manifesto dos Inspectores do Estado do Rio de Janeiro. Ao magistério e à sociedade fluminenses*, concebido e redigido por Paschoal com a colaboração de Valério Regis Konder — médico, sanitarista e militante do Partido Comunista. Embora esse documento reitere princípios do *Manifesto de 1932*, de forma explícita, coloca publicamente as diferenças entre as concepções liberais e de esquerda. Isso fica claro, por exemplo, quando é assinalado que a renovação proposta “estava muito mais fora do que dentro da escola; dependia muito menos da compreensão que sobre o assunto pudesse ter o mestre do que da consciência social que possuísse a massa laboriosa do Estado do Rio” (Lemme, 1991, v. 4, p. 389). Em suma, esse *Manifesto* de 1934 deixa claro que não se deve pensar reformas educacionais desligadas da realidade concreta e sem perder de vista que a realidade é sempre permeada de contradições. Nessa perspectiva é defendida uma “escola ativa, progressista, socializada, única, pública, obrigatória, gratuita, mista e leiga” (ibidem.)

Em setembro de 1935, as responsabilidades de Paschoal se ampliaram mais ainda com a transformação da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal em Secretaria e a criação da Diretoria de Educação de Adultos e Difusão Cultural, compreendendo: a Superintendência dos Cursos de Continuação e Aperfeiçoamento, o Cinema Educativo, os

Teatros de Rádiodifusão. À frente dessa Superintendência organizou cursos noturnos para operários filiados à União Trabalhista que funcionava no bairro operário da Gamboa. Como coordenador desses cursos, Paschoal convida Hermes Lima, Valério Konder e Edgar Sussekind de Mendonça para realizarem palestras, encarregando-se da temática relativa à história do trabalho, a que vinha se dedicando.

Durante a administração de Anísio Texeira, Paschoal Lemme assume várias funções. Inicialmente, como assistente do Superintendente da Educação Secundária e Técnica e do Ensino de Extensão, quando organiza os primeiros cursos de Educação de Adultos, marcados por uma visão integradora que ultrapassava a simples profissionalização, oferecendo elementos de cultura geral, além de conhecimento dos direitos e deveres do cidadão e do trabalhador.

No final de 1935, Pedro Ernesto prefeito da capital da República, viu-se discriminado por representantes do poder instituído. Mesmo com amplo relacionamento na área política oficial, estava marcado e havia antes de tudo, como revela Hermes Lima (1978), um sacrifício ritual a executar: o afastamento de Anísio, cuja permanência na Secretaria de Educação não era vista com bons olhos por parte de grupos ligados ao poder e pela ala de educadores conservadores. Acusado de comunista e subversivo, Anísio pede exoneração, aceita em 2 de dezembro de 1935 pelo prefeito, mesmo ressaltando os especiais méritos de sua atuação. Deixa a Secretaria acompanhado de seus colaboradores, entre eles, Paschoal Lemme que retorna ao magistério nas escolas técnicas secundárias.

É pertinente ressaltar que o fato de Paschoal ter feito opção por teses fundamentais da filosofia marxista, ele nunca deixou de se sentir um dos Pioneiros da Educação. Mas como bem observa Brandão:

A situação de intelectual de esquerda, fora dos quadros do partido Comunista, e de educador renovador, “convertido” ao marxismo deixou Lemme numa posição de relativo isolamento, o que dificultou não só a divulgação de sua obra, como o aprofundamento da reflexão marxista entre os educadores de sua geração. O esquecimento de sua obra e a redescoberta do “personagem”, na década de 80, em prejuízo da obra foi o resultado de uma trajetória articulada a dois campos que, nas representações da época, apareciam como dissociados: o da política e o da educação (2002, p. 883).

Examinando as obras de Paschoal Lemme, revendo seus depoimentos, acreditamos que o momento mais dramático de sua trajetória foi a prisão a que teve de se submeter na Divisão de Ordem Política e Social (DOPS), onde permaneceu durante um ano e quatro meses (14/02/1936 a 16/06/1937). No presídio ficou detido com alguns companheiros de

ideais. Sobre esse período, no segundo volume de suas *Memórias* há registro de alguns cursos, destacando um de Filosofia, ministrado pelo jovem professor Sérgio Kamprad na intitulada “Universidade da Cadeia”, antiga casa de Detenção do Rio de Janeiro (Lemme, 1988, v. 2, p. 307-326). Refletindo sobre esse período vivido no presídio, observa que foi: “uma experiência inestimável, insubstituível mesmo, pelo amadurecimento que me proporcionou em minha formação de homem e de educador, produzindo um alargamento extraordinário da minha visão das coisas, dos fatos e dos homens” (Lemme, 1988, v. 2, p.293). Complementando assinala: minha opção já vinha sendo feita há algum tempo, “e o que vi, ouvi e meditei durante aqueles sombrios meses em que passei nos presídios do capitão Felinto Strubling Müller, só serviram para reforçar minhas convicções” (idem., p.294).

Após o cárcere (1937-1938), Paschoal volta a exercer suas funções como professor no Distrito Federal e de Inspetor de Ensino no Estado do Rio de Janeiro. Em 1938 faz concurso para Técnico de Educação do Ministério de Educação e Saúde (MES), apresentando uma tese sobre o tema Educação de Adultos, com ênfase em seus fundamentos sociais, psicológicos e especialmente o caso brasileiro. O estudo é desenvolvido com base na experiência por ele vivenciada como Superintendente de Educação de Adultos na administração Anísio Teixeira. O trabalho contém afirmações pertinentes até hoje, como por exemplo: “o homem, individualmente, educa-se permanentemente e, através dos tempos [...] continua a se educar ininterruptamente”(Lemme, 2000, v. 5, p. 49).

Aprovado no concurso, em 1939, Paschoal passa a integrar a equipe de Lourenço Filho, no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos- INEP, exercendo sucessivamente os cargos de chefe das Seções de Documentação e Intercâmbio e de Inquérito e Pesquisas. Nesse ano, também, faz o *Curso Critical Problems in Education* promovido no Rio de Janeiro pela “The Summer School of the College of the University Pennsylvania”, Brazilian Field Course. Viajando depois aos Estados Unidos para realizar os cursos: *Public School Administration* e *School Interpretation*, na University of Michigan. Após trabalhar com os “cardeais da educação” — Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho —, partiu para seu próprio caminho: “caminho solitário como servidor público”. A convite da diretora Heloisa Alberto Torres, trabalhou no Museu Nacional, onde permaneceu de 1943 a 1947. A seguir trabalhou no Instituto Nacional do Cinema

Educativo INCE, participando da concepção e produção de cerca de mil filmes educativos dirigidos pelo cineasta Humberto Mauro.

Em 1961, Paschoal Lemme aposentou-se como Técnico em Educação no MEC. Posteriormente, foi agraciado com o Grau de Comendador da Ordem do Mérito Educativo, pelo Ministério da Educação (1993) e com os títulos de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal Fluminense- UFF (1995) e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ (1996). Em 14 de janeiro de 1997, aos 92 anos, faleceu na cidade do Rio de Janeiro.¹

3. O educador e suas idéias

Paschoal Lemme pode ser considerado precursor de uma corrente de análise da educação que não se confunde com aquela representada por outros nomes significativos do movimento de Renovação Educacional no Brasil. Tem-se observado que foi o primeiro a assumir, entre os renovadores educacionais, uma posição intelectual de esquerda e a trabalhar com forças políticas correspondentes.

Uma das marcas da construção do pensamento de Paschoal, como ele próprio observa no segundo volume de suas *Memórias*, parece indicar já nos anos de 1930, forte identificação com o ideário socialista, o que será melhor explicitado em estudos e trabalhos ulteriores, como os realizados nos anos de 1950 e 60 e em sua correspondência com Fernando de Azevedo.

Entre outros estudos que merecem destaque por apresentar uma síntese do pensamento desse educador, ressalta-se a proposta apresentada por ele à direção da Federação Internacional Sindical de Ensino (FISE), por solicitação desta e como subsídio a simpósio que seria realizado em Moscou em 1958. Do texto destacamos quatro princípios dos vinte e cinco apresentados:

a) O princípio fundamental de uma educação verdadeiramente democrática continua sendo o da *igualdade de oportunidades para todos*, isto é, o da possibilidade do acesso de todos, a todos os aspectos e níveis da educação, da instrução e da cultura.

b) Isso significa que a educação, a instrução e a cultura devem estar ao alcance de todos, sem quaisquer restrições de ordem econômica, racial, religiosa, ou qualquer outra, e com as únicas limitações do desejo, da vocação e da capacidade de cada um.

¹ As fontes sobre as quais baseia-se este estudo encontram-se no arquivo de Paschoal Lemme no PROEDES –Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade/Faculdade de Educação/UFRRJ.

c) A educação democrática só atingirá aquele limite ideal da *igualdade de oportunidades para todos*, quando a sociedade estiver afinal organizada de tal maneira que torne possível o acesso a todos os bens culturais, de todos os indivíduos, sem quaisquer restrições.

c) A democratização da educação [...] é um processo que se define em cada momento e em dada situação concreta, pela luta que se estiver travando em direção àquele limite ideal da *igualdade de oportunidades para todos*.(Lemme, 2000, p. 155-157)

Em 1982, retomando a discussão sobre esses princípios, no texto sobre “educação e democracia” observa: “Dizer que educação e ensino são direitos e necessidades fundamentais de todas as pessoas humanas, significa que se trata de problemas político-sociais antes de serem questões apenas de caráter pedagógico, de didática ou de técnica de ensino (Lemme, 1991, v. 4, p. 243).

Nesse mesmo estudo assinala:

Somente mediante uma distribuição mais eqüitativa da renda nacional, o que só será possível realizar pela adoção de um modelo de desenvolvimento econômico que corresponda aos verdadeiros interesses da maioria do povo brasileiro, é que poderá ser corrigida tal situação, tão profundamente injusta, que já está atingindo duramente as próprias classes médias e levando milhares de famílias ao desespero (Lemme, 1991, p. 246-247).

Passadas duas décadas desse alerta de Paschoal, somos levada a observar que a situação persiste no país, com sérios agravantes e repercussões.

Na trajetória pessoal e profissional desse educador, os anos de 1950 e 1960 se apresentam como as de produção mais intensa. Nessa fase publica uma série de monografias: *Estudos de Educação* (1953); *A situação do ensino no Brasil* (1955); *A Educação na URSS* (1955); *Problemas Brasileiros de Educação* (1959); *Educação democrática e progressista* (1961). Neste último trabalho de forma mais elaborada Paschoal apresenta uma síntese de sua experiência como educador, integrante de um processo histórico, político, cultural e educacional. Além desses estudos, Paschoal Lemme colaborou com a Imprensa, publicando artigos e cartas sobre educação na *Tribuna Popular*, no *Jornal do PC*, bem como no *Jornal do Brasil* e no jornal *O Globo*. Na década de 80, dedicou-se a escrever suas *Memórias*, publicadas em cinco volumes. Destes, a rigor apenas os dois primeiros se reportam à sua autobiografia. Os demais contêm sua produção como educador e homem de idéias, reunindo estudos e monografias, artigos, manifestos que subscreveu, bem como documentos de conferências e simpósios de que participou.

Da *Série Correspondência* merece destaque especial o diálogo estabelecido com o educador Fernando de Azevedo, durante quatro décadas, especialmente as cartas trocadas nos anos de 1950 e 1960. Desta série de cartas destaca-se sobretudo a de 9 de janeiro de 1952, em que revela a Fernando de Azevedo sua opção ideológica: “[...] desde 1929, vinha tomando conhecimento do marxismo-leninismo (materialismo dialético e materialismo histórico), chegando hoje a considerá-lo como a Filosofia, a Sociologia, a Economia, a Teoria do Conhecimento, capazes de darem uma verdadeira interpretação do universo, e portanto do homem e de sua vida em sociedade” (Lemme, 2000, p.225).

Não obstante, como observa Brandão, um dado marcante na trajetória de Paschoal Lemme é que “apesar de falar cada vez mais a 'linguagem do Partido', ele nunca deixou de se sentir um dos Pioneiros da Educação Nova”. Ressalta, também, como uma de suas características a “independência político-ideológica. Apesar de colaborador e simpatizante do PCB, ele rejeitou submeter-se à rígida disciplina partidária que limitava a autonomia de pensamento dos seus quadros” (1999, p. 110).

Concluindo....

Paschoal Lemme não apresenta em sua trajetória realizações marcantes como administrador e político de educação, pois nunca exerceu cargos de maior relevância na gestão do ensino no país. Foi sobretudo um educador e servidor público, exercendo múltiplas funções. Mas, quem acompanhar sua trajetória e fizer uma reflexão conseqüente sobre suas posições, certamente identificará um homem de pensamento, com idéias que foram sendo gradativamente construídas. Em suas *Memórias*, encontramos grande riqueza de informações sobre sua vida pessoal e o registro de suas idéias, apoiando-se numa premissa básica que vai nortear seus posicionamentos em termos de política educacional: *educação democrática somente numa sociedade democrática*.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Zaia. *A Intelligentsia Educacional - Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil*. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade de São Francisco/EDUSF,1999.

———. Paschoal Lemme. In: Fávero, Maria de Lourdes de Albuquerque e Britto, Jader de Medeiros (Orgs.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Inep-Comped, 2002, p. 879-89.

BRITTO, Jader de Medeiros. Paschoal Lemme. Uma perspectiva socialista de educação. In: Garcia, Walter E. (org.). *Educadores Brasileiros do Século XX*. Brasília: Plano, 2002, p. 259-79.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque e Britto, Jader de Medeiros. Memória e escritos de um educador. In: Mignot, Ana Chrystina V. e Cunha, Maria Teresa S.(orgs.) *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 113-34.

LEMME, Paschoal. *Estudos de Educação*. Rio de Janeiro: Livraria Tupã, 1953.

———. *A situação do ensino no Brasil (À Margem da Conferência Mundial de Educadores)*. Rio de Janeiro: Gráfica Lux, 1955.

———. *A educação na URSS*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.

———. *Problemas brasileiros de educação*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1959.

———. *Educação democrática e progressista*. São Paulo: Editorial Pluma, 1961.

———. *Memórias. Infância, adolescência, mocidade*. Brasília: Inep; São Paulo: Cortez Editora, 1988, v.1.

———. *Memórias. Vida de família, formação profissional, opção política*. Brasília: Inep; São Paulo: Cortez Editora, 1988, v. 2.

———. *Memórias. Estudos e reflexões sobre problemas da educação e ensino. Participação em conferências e congressos nacionais e internacionais. Documentos*. Brasília: Inep, 1991, v. 4..

———. *Memórias. Estudos de educação e destas de correspondência*. Organizado por Jader de Medeiros Britto. Brasília: Ministério da Educação/Inep, 2000, v. 5.

LIMA, Hermes. *Anísio Teixeira: estadista da educação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PAIVA, Vanilda. Prefácio. LEMME, Paschoal. *Memórias. Estudos e reflexões sobre problemas de educação e ensino. Participação em conferências e congressos nacionais e internacionais. Documentos*. Brasília: Inep, 1993, p. 9-16 , v. 4.

SANTOS, Carlos Afonso M. dos. Memória, história e nação: propondo questões. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 87, p. 5-12, out./ dez. 1986.

